

5. Réplicas Topográficas da Literatura de Viagem

5.1 As Fontes de Informação e o Estilo das Narrativas

No capítulo anterior, procurei introduzir o leitor na paisagem sensorial da cidade Kolkata, através de uma narrativa multivocal pelas partes directamente envolvidas no processo de investigação: *sujeito* – autor¹²² e as duas partes que constituem o *objecto* – turistas internacionais (ocidentais) e anfitriões.

O estilo de narrativa utilizado foi cuidadosamente organizado no sentido de reflectir os pressupostos epistemológicos, centrais a esta investigação, de partilha de espaço de reflexão e exposição deliberada da representacionalidade de todas as partes envolvidas, procurando minimizar a assimetria da minha posição de poder como autora, embora óbvia e conscientemente preservada na escolha de conteúdos, metodologia, nível de análise e resultados apresentados. Como demonstrou Michel Foucault, se em teoria o autor pode dizer/escrever qualquer coisa, em verdade, os enunciados discursivos revelam na sua expressão material um constrangimento extraordinário, traduzindo em si mesmos repetitividade, restrições de estrutura, de conteúdos, de significados, escolha de linguagem, estratégias, estilo de narrativa e tropos (Foucault 1984)¹²³, a que também este texto, mesmo na sua procura deliberada de desconstrução de modelos narrativos dominantes, não é alheio. E isso considero válido – assumindo-o como fundamental ao argumento – para todo e qualquer enunciado verbal, textual ou pictórico, em que se incluem as narrativas fotográficas e histórias contadas que constituem fontes primárias deste estudo.

Mesmo entre cientistas sociais, sobretudo historiadores, são muitos os que continuam a manifestar a sua indignação perante este tipo de asserções - «Though it is fashionable in

¹²² Incluindo o fotógrafo que me acompanhou no trabalho de campo, através da suas imagens, e a quem facultei a latitude de alargar a sua recolha de registos e captação de imagens-objecto à sua interpretação pessoal.

¹²³ Sobre Foucault, ver também Sheridan 1980, Dreyfus & Rabinow 1982, McNay 1994. Sobre a aplicação das ideias de Foucault ao discurso científico, ver por exemplo, Haraway 1988; especificamente ao discurso científico sobre “Terceiro Mundo”, Escobar 1984; aos discursos sobre “Oriente”, Said 1990, Bhatnagar 1986; aos mediadores de comunicação massificada, Stormer 2004; especificamente à fotografia, Frosh 2001; e na aplicação ao fenómeno do turismo, Urry 1990 ou Cheong & Miller 2000.

some quarters to equate textual analysis with historical writing (a new moment of Eurocentricism), historians know that there is no substitute for the hard work of discovering and ordering data of past human experience» (Kopf 1980: 499) - que designam por pós-estruturalistas, pós-colonialistas ou pós-modernistas. Recusam-se a aceitar que não existe um real passível de ser apropriado separadamente do sujeito que o percebe e o expressa; que os objectos são estruturados, formados, enfim construídos pelos discursos. A sua dificuldade de aceitação parece residir no alheamento relativo a todo um corpo de produção das últimas quatro décadas (na Antropologia, em particular, desde a década de 1980. Ver Clifford & Marcus 1986), permanecendo obstinadamente firmados no velho paradigma legitimador da autoridade científica de que o conhecimento *verdadeiro* é objectivo, imparcial, exacto e independente do sujeito.

Desde os anos 1970 que os teóricos da linguagem contestaram o que consideravam os dois dualismos prevaletentes na teoria linguística: a crença de que o significado pode ser separado do estilo ou expressão e a validação da separação entre a estrutura e o uso linguísticos, substituindo-os pela asserção de que a capacidade linguística de produção de significado é um produto da estrutura social, pelo que os significados sociais e as suas materializações textuais devem ser incluídos nos desígnios da sua descrição (Halliday 1970; Fowler & Kress 1979; Fowler *et al* 1979; Kress 1988). Ou seja, independentemente das variantes nas posições assumidas pelos especialistas de análise da língua e do discurso (que naturalmente persistem na actualidade), é consensual que os eventos discursivos, por um lado, variam na sua determinação estrutural de acordo com o domínio social particular ou enquadramento específico em que são gerados; e, por outro, que o discurso é um princípio estruturador, no sentido de Foucault (1969) em que os objectos, os sujeitos e os conceitos são formados discursivamente. O recorrente esquecimento deste facto, sobretudo quando acontece no universo da produção científica, conduz à fabricação e disseminação de representações iconográficas e estereotipadas, avocadas como “a verdade sobre o real”, com efeitos perversos que penetram ao nível da cultura popular e se perpetuam.

Sem me alongar sobre a falácia da discussão de veracidade (ou objectividade e imparcialidade) de qualquer texto ou narrativa, argumento que, antes, importa recentrar a análise na circunstância de que, mais ou menos ficcionado, qualquer texto e estilo narrativo é sempre enquadrado pelo corpo literário da sua época e reflexo dos modelos políticos, económicos, sociais e académicos, vigentes à altura, que se cruzam com as

intenções do autor¹²⁴. Significando isso que não é possível dizer sobre qualquer coisa em qualquer momento; que não é fácil dizer algo novo; que não é suficiente observar, atentar, estar motivado para a procura do novo, para perceber um novo objecto (ver Foucault 1969: «Ch.3: The Formation of Objects»). Deste modo, da informação relevante que pode ser obtida a partir da análise destes materiais, mais do que a descrição relativa ao objecto, é a informação relativa à sua produção, ao autor e aos significados e representações da unidade social em que se inscreve e que aplica a essa descrição (para dizer sobre o objecto, para o manipular, nomear, analisar, classificar, etc. [*ibid.*]), que se constitui como uma das mais valiosas. Os relatos de viagem não são excepção¹²⁵.

Como tenho vindo a argumentar – e já extensamente analisado por inúmeros autores de diversas áreas disciplinares e sob diferentes perspectivas (além dos já referenciados no capítulo 3, ver também: Adams 1984; Hummon 1988; Cohen 1989; Fakeye & Crompton 1991; Hughes 1992; Dann 1996; Edwards 1996; McGregor 2000; Santos 2006) – as representações visuais e textuais desempenham um papel fundamental na indústria turística, determinando desde o primeiro momento (directa ou indirectamente) a escolha do produto, experiência e destino, assim como expectativas, imagens antecipadas e práticas no local. Mas mais do que isso, autores das áreas da psicologia e cognição social argumentam que a informação quotidianamente adquirida sob a forma de narrativa é a que mais facilmente é retida na memória, sendo determinante, por isso, à construção do conhecimento:

[A]ll of the important social knowledge that people acquire and retain in memory consists of “stories” that they construct from their personal and social experiences. These stories provide the basis for (a) comprehending new experiences; (b) making judgments and decisions about the persons, objects, and events to which the stories refer; and (c) developing general attitudes and beliefs concerning these referents. (...) the fact that much of the

¹²⁴ Não obstante o uso que faço neste dissertação do conceito de “formação discursiva” de Foucault e que é entendido pelo autor como um substituto necessário à utilização de termos como “ciência”, “ideologia”, “teoria” ou “domínio da objectividade” (ver Foucault 1969: «Ch.2: Discursive Formations»), entendo válida a adopção do conceito de ideologia, não implicando a sua utilização em contraste com algo que é sujeito a julgamentos de *verdadeiro* ou *falso*, mas sim como uma verdade particular com implicações na ordem e no real sociais e na consciência que deles têm os sujeitos (Gouveia 2002).

¹²⁵ Para uma aproximação às narrativas de viagem sob diferentes perspectivas disciplinares, incluindo a Antropologia, ver: *Perspectives on Travel Writing* editado por Glenn Hooper e Tim Youngs, em 2004.

social information we acquire is represented in memory in this form seems uncontroversial (Adaval & Wyer, Jr. 1998: 207-208).

Dá que investigadores como Rashmi Adaval e Robert S. Wyer Jr. tenham podido estabelecer uma relação directa entre este processo de construção de representações mentais e a vantagem da veiculação da informação em formato de narrativa - mais ainda, se acompanhada de conteúdos pictóricos - na dominação da construção de conhecimento sobre um qualquer objecto e, especificamente, sobre um destino turístico (Adaval & Wyer Jr. 1998).

Na actualidade, a imagética de lugares, cidades e nações, particularmente quando distantes, é fortemente influenciada pelas narrativas representacionais dos mediadores de informação massificada, assumindo posição de liderança a este nível, a televisão, o cinema de grande difusão e a internet. Para os turistas, adicionam-se habitualmente a estas fontes, no momento prévio e *in situ* à viagem, o que poderei designar como “fontes orientadas para o turismo nesse lugar”: literatura impressa de viagem sobre o lugar (incluindo os mais específicos livros guia-turísticos, brochuras e mapas), narrativas verbais, textuais e pictóricas (orais e via internet, por exemplo) de amigos e outros viajantes/turistas, até à comunicação com profissionais do sector e outros residentes no local (sobre fontes de informação referidas pelos turistas internacionais para o destino Índia, ver por exemplo: Chaudhary 2000).

Andrew McGregor (2000) no seu estudo conduzido em Tana Toraja na Indonésia, em 1994, verificou que para os viajantes que procuram demarcar-se das práticas habituais do turismo de massa - em que se enquadram também a maioria dos turistas internacionais contactados em Kolkata - as fontes de obtenção de informação sobre o local mais referenciadas foram os livros guia-turísticos, em particular o *Lonely Planet*¹²⁶ e a comunicação verbal com amigos e outros viajantes. Enquanto para os que mencionaram ambas as fontes, o processo tipificado mais referido terá sido: «First we heard about it, then we looked it up in the guidebook» (in McGregor 2000: 34).

¹²⁶ Também identificado como a fonte mais referenciada entre os turistas “de mochila às costas” na Tailândia e Cambodja, por Torun Elsrud (2005); por Anders Sorensen, em «Eight spells of fieldwork, spanning from two to seven months, have covered East Africa, India, the Middle East, North Africa, and South-East Asia, while Europe was included in numerous brief forays into the backpacker scene» (2003: 850); por Lucy Huxley, entre turistas «British, with some additional ‘Westerners’ from Canada, Australia, New Zealand, Norway, and America» (2004: 39) com experiência de viagens com estadias superiores a três meses, cobrindo pelo menos dois continentes e vários países; entre turistas de baixo orçamento na Índia, por Deborah Bhattacharyya (1997) e, especificamente em Kolkata, por John Hutnyk (1996).

Em Kolkata, a situação é semelhante, acrescentando apenas a estas fontes a importante dimensão da comunicação textual com amigos e outros viajantes/turistas (via *travelogues* ou *travel spots* e correio electrónico) e literatura impressa específica sobre o local, sendo a mais comum a literatura de viagem, muitas vezes comprada já na cidade (factor para o qual contribui a diversidade e o apelativo baixo preço do material impresso em Kolkata) e mediada pela língua inglesa.

Sendo meu propósito analisar os modos de desempenho das narrativas fotográficas e histórias contadas, os significados que traduzem e transportam e o seu impacto ao nível das percepções e práticas no encontro do turismo internacional em Kolkata, não poderia deixar de abordar o estilo de narrativa verbal e textual utilizado pelos turistas. Graham Dann (1996) argumenta que o turismo se fundamenta no discurso e, certamente que para todos os que já viajaram ou se encontraram com amigos que acabam de regressar de uma viagem, é uma evidência que o capital narrativo é parte essencial da experiência turística – a aventura de viagem deve ser contada, a experiência não é completa sem o seu relato.

Embora alguma investigação tenha sido efectuada no que diz respeito à linguagem, comunicação interpessoal e retórica usadas pelos turistas, esta tem sido sobretudo centrada nas suas implicações para a construção de identidades (Dann 1996; Desforges 2000; Galani-Moutafi 2000) e, em particular, dos jovens turistas de “mochila às costas” em turismo de aventura (Desforges 1998; Elsrud 2001, 2005; Noy 2002, 2004; Huxley 2004).

For these young travelers, the popular tourist attractions that have become recognizable worldwide, while still “valid,” are now so passé that there is a growing desire for new and different experiences. Backpackers place importance on their search for alternative experiences and believe that “the tourist traps” cannot provide access to the “real cultures” of the places they are visiting (Huxley 2004: 40).

Tal como Huxley descreve a partir das narrativas destes turistas ocidentais “de mochila às costas” que inquiriu, também em Kolkata, a maioria dos turistas - que enquadro de forma mais alargada em viajantes que procuram demarcar-se das práticas habituais do turismo de massa - insiste na sua motivação da procura da experiência de viagem alternativa, da experiência de contacto com a alteridade, com algo novo e extraordinário que lhes proporcione: “the experience of a lifetime” (turista alemã, 5 meses de estadia

em Kolkata em 2006). Saliento aqui que o uso que faço do conceito de motivação assenta na linha de Schutz (1972) de “*Um-zu-Motiv*” (“em ordem para”), que condiciona o que se faz, como se faz e sobretudo determina *a posteriori*, o modo como se narra a história do que aconteceu (sobre as opções teóricas de conceptualização de motivação no turismo, ver Dann 1981).

O paradoxo encontrado a partir desta aproximação é o de que, embora o ponto de partida motivador seja o da experiência nova, extraordinária, à semelhança dos profissionais que geram os materiais de mediação cultural no seio da indústria, recorrendo a fórmulas representacionais de outros mediadores de cultura popular para expressão dos significados imediatos partilhados com o seu público, também para os turistas não existe uma procura constante de novos modos de representação. Em vez disso, observa-se uma recorrência às mesmas narrativas organizadas pré-estabelecidas das suas fontes, que servem não só de quadro referencial para confirmação e legitimação das histórias que narram mas, mais do que isso, como modelos a duplicar. Especificamente, a análise dos materiais obtidos revelou uma característica transversal a muitas das narrativas e que é a tentativa de aproximação às técnicas estilísticas do género literário indexado às narrativas de viagem, fazendo recurso de réplicas de estilo, termos, conteúdos manifestos e significados.

5.2 A Literatura de Viagens sobre a Índia e as Narrativas dos Turistas Internacionais em Kolkata: Réplicas Sucessivas de Modelos Retóricos Familiares

5.2.1 O Género “Reportagem”, Autenticidade e Plagiatos

A influência da literatura de viagens na cultura popular tem um longo percurso, sendo uma evidência a sua importância na Europa já nos séculos XVI, XVII e XVIII - o período de expansão e dominação das culturas europeias (Bailey-Goldschmidt & Kalfatovic 2004). Tradicionalmente percebida como reportagem - relatos objectivos da experiência do autor - partilha com os textos jornalísticos a mesma aura do “contamos-lhe como foi”. Este cunho de objectividade permitiu a difusão da sua legitimação como fonte informativa segura para a construção das representações dos lugares e dos outros distantes. Mohammed Bamyeh lembra que até à sua substituição

pelas compilações de material etnográfico, a literatura de viagens detinha o monopólio da transmissão de conhecimento sobre os *Outros* no sistema educativo ocidental:

When Rifa'a Rafe' at-Tahtawi, an Arab traveler, visited Paris in post-Napoleonic times (1826-31) to become acquainted with “the West” in general, he found an educational system in which accounts of travels into Algeria and the Ottoman Empire were taught, side by side with French, general history and historiography, Greek mythology, and Napoleon’s biography (Bamyeh 1994: 39).

E com efeito, os relatos escritos de viagem continuam a ser usados até hoje, por exemplo no âmbito da historiografia, como documentação preferencial de informação primária, em detrimento da história oral que é tomada como fonte narrativa “menos verídica”. O meu argumento é o de que esta distinção não possui base de sustentação: escritos ou verbais, os enunciados discursivos, embora diferindo na sua expressão formal, são sujeitos às contingências referidas, sendo a sua validade limitada ao enquadramento em que se inscrevem. Isso acontece para os relatos amadores orais e escritos dos turistas tanto quanto para os exercícios dos profissionais da literatura de viagens, nas suas diversas formas. Como descrito por Bentley:

Authors of travel accounts have reported their observations and experiences in many different forms, and the author’s choice of form has sometimes influenced the character of the account. Often, of course, authors have made their travel and sojourn in distant lands the principal focus of works taking the form of a travel account proper. Notable examples of this approach are the travel accounts of Xuanzang, Marco Polo, and Ibn Battuta, all of whom intended to relate the things they saw and experienced in foreign lands.

Yet travel accounts have appeared also in other guises. Many have taken the form of contemporary historical accounts: Herodotus wove travel reports into his history of *The Persian Wars*, while Zhang Qian’s account of his travels among the Xiongnu appeared in the official history of the Han dynasty by the Chinese historian Sima Qian, and Bernal Díaz del Castillo’s *True History of the Conquest of New Spain* was as much a travel account as a record of a military campaign (Bentley 2004: 9/19).

No que se refere aos modelos representacionais da literatura de viagens sobre a Índia, é habitualmente colocada uma marca temporal de viragem com a viagem do português Vasco da Gama em 1498 (Bailey-Goldschmidt & Kalfatovic 2004). Antes da abertura do caminho marítimo da Europa para a Índia (porque o sentido inverso era conhecido), apenas os viajantes com acesso à rota terrestre através de Istambul ou vindos de norte e este, da China, Japão e Coreia, viajavam para este lugar. Assim, até esta altura, as narrativas de viagem sobre a Índia eram sobretudo domínio de chineses e muçulmanos (de várias origens), talvez o mais famoso, o ilustre viajante marroquino do séc. XIV, Ibn Battuta. Na sua maioria peregrinos, diplomatas, aventureiros ou negociantes com as necessárias relações ao mundo islâmico ou budista, estes viajantes não dependiam de patronato real ou oficial, o que lhes facultava uma latitude relativamente folgada na selecção de conteúdos e modo de abordagem nos seus relatos de viagem, marcados, acima de tudo, pela descrição da estranheza e exotismo. Desde essa altura que se evidenciam como temas populares recorrentes, na literatura profissional de viagens, o ritual de cremação voluntário da viúva hindu – *sati*, o matrimónio infantil, a vaca sagrada, castas, alguns costumes gastronómicos, de vestuário, etiqueta e sexualidade (*ibid.*). A recorrência destes temas, conotados com estranheza e exotismo, foi conservada até à contemporaneidade.

A partir do estabelecimento dos portugueses na Índia e definitivamente, a partir de meados do séc. XVII, através da presença britânica, holandesa e francesa (com maior abundância de relatos), as narrativas escritas de viagem passam a ser enquadradas oficialmente e com propósitos claros de satisfação de necessidades relativas à natureza da implantação política e exploração económica no território, o que se traduziu num afunilamento de conteúdos e modos de abordagem, particularmente direccionados para este propósito durante esse período¹²⁷. Como declara Miles Ogborn, na sua análise da materialidade da literatura de viagens da English East India Company:

They were part of a world where mercantile capacity needed the protective envelope of the monarch's political power to preserve markets, enforce authority onboard ship and make agreements with distant polities (...). Royal letters, ship's journals, accounts and commissions are, in their making, transportation and use, always actively and directly involved in the specific

¹²⁷ Saliento, contudo, que não terá havido uma ruptura com a abordagem dos temas populares de épocas anteriores, apenas terão sido remetidos para um papel mais periférico (ver Bailey-Goldschmidt & Kalfatovic 2004).

social and political relations and practices - kingship, captainship, intercultural translation - of which they are a part (Ogborn 2002: 167).

Ou seja, como bem faz notar, a escolha de sintaxe e conteúdo destes textos não deve ser atribuída apenas ao autor e à sua autonomia individual para representação discursiva, antes deve ser entendida pelo seu contexto de produção e uso, circunstancialmente enquadrada social e politicamente, e neste caso sob rígidas formalidades. No entanto, isso não justifica por si só o recurso às sucessivas duplicações de enunciados, termos escolhidos e carácter monolítico dos conteúdos manifestos. Atente-se às duplicações nos relatos quinhentistas que se seguem sobre Bengala. O primeiro de Ludovico Di Varthema (1503 - 1508), terá sido publicado pela primeira vez em italiano em 1510:

The sultan of this place is a Moor, and maintains two hundred thousand men for battle on foot and on horse; and they are all Mohammedans; and he is constantly at war with the king of Narsingha. This country abounds more in grain, flesh of every kind, in great quantity of sugar, also of ginger, and of great abundance of cotton, than any other country in the world. And here there are the richest merchants I ever met with. Fifty ships are laden every year in this place with cotton and silk stuffs (...) through all Turkey, through Syria, through Persia, through Arabia Felix, through Ethiopia, and through all India (Badger [ed] 1863: 211-212);

O segundo, um relato do português Duarte Barbosa, um pouco posterior ao de Ludovico Di Varthema, terá sido traduzido de um manuscrito espanhol de 1524:

Those [towns] of the interior are inhabited by gentiles, subject to the King of Bengal, who is a Moor; and the seaports are inhabited by Moors and Gentiles, amongst whom there is much trade in goods and much shipping to many parts (...) Many foreigners from various parts live in this city, both Arabs and Persians, Abyssians¹²⁸ and Indians (...) They are all great merchants, and owe large ships of the same build as those of Mekkah, and others of the Chinese build which they call jungos. (...) They load many ships with it and export it for sale to all parts (Stanley [trans & ed] 1866: 178-179);

O terceiro, um relato de outro português, Tomé Pires, da mesma época (1512 - 1515):

¹²⁸ “Abasis” - no manuscrito espanhol de onde foi traduzido. Conforme à referência em Stanley 1866.

[H]os bembalas sam mercadores de grandes fazendas homens que nauegam em Jumcos viuem em bembala grande numero De parses Rumes turcos arabios mercadores de chaull E dabüll he de guoa a terra he muijto abastada de muijtos mamtimmentos De carnes pescados arrozes trigo barato ho Rey dela he mouro homem de peleJa tem grande nome antre hos mouros (...) os bembalas pola maior parte sam homens pretos nedeos Jemtis homens agudos mais que todas as nações sabidas. (...)

Ho Rey de bembala he poderoso tem mujta Jemte de cauallo /tera em seu Regno cem mjll homens de cauallo peleJa com Reis gentios grandes senhorês (...) tem guerra EllRRey de bembala sempre com o Rey de dely E peleJam os capitãees & Jemte De huñ E Doutro (...) (Tomé Pires *in* Cortesão 1944: II, 377-378).

Tal como se observa nestes exemplos, vários estudos envidados por investigadores históricos revelam que na literatura de viagem estas condicionantes de estruturação são particularmente evidentes (para relatos de viagem de diferentes períodos e para relatos não enquadrados oficialmente), sendo facilmente identificável a duplicação de conteúdos e sintaxe discursiva de textos anteriores do mesmo tipo, disponíveis ao suporte da actividade narrativa do autor. Veja-se um outro exemplo, ainda da mesma época, extraído dos vários apresentados no estudo «Sex, Lies and European Hegemony: Travel Literature and Ideology» de Janice Bailey-Goldschmidt e Martin Kalfatovic:

Ralph Fitch, one of the earliest Englishmen to travel to India (c. 1583), was primarily a merchant. When he returned to London and began to write his account, his memory obviously failed him and he relied heavily on the account written by Cesare de Federici who had traveled at nearly the same time and visited the same places. For example:

Federici: Goa, is the principallest Citye that the Portingales have in the Indies, where is resident Viceroy with his court and ministers of the king of Portingale,...

Fitch: Goa is the most principal cities which the Portugals have in India, wherein the Viceroy remaineth with his court.

Federici: The Rubyes, Saphyres, and the Spynelly, they be gotten in the kingdome of Pegu. The Diamandes they come from divers places: and I

know but thress of these. That sort of Diamands, that is called Chiappe, they come from Bezeneger. Those that bee pointed naturally come from the land of Dely, and from Iaua...

Fitch: The rubies, sapphires, and spinelles are found in Pegu. The diamants are found in divers places, as in Bisnagar, in Agra, in Delli, and the llands of the Iauas.¹²⁹ (*in* Bailey-Goldschmidt & Kalfatovic 2004: 146).

E ainda que a questão das duplicações não se coloque ao nível do plágio ou da mentira leviana intencionais, como analisado também pelos mesmos autores, por vezes isso acontece. Como declaram:

This borrowing inevitably leads to a multiplication of errors which created a chain of fibs stretching through the centuries. One such myth was that of the gold-digging ants who lived underground near the Indus river, heaping up sand mixed with gold in the process of carrying out their lives. If one attempted to retrieve this gold, so the story went, they were chased by these ants (the size of dogs) and killed. This legend can be traced as far back as Herodotus in the fifth century B.C., through Megasthenes and into the fictive Mandeville's narrative in the fourteenth century (*ibid*: 147).

Perpetuam-se, desta forma, nas narrativas de viagem, modos de representação estreitamente limitados, imagens estereotipadas, objectos construídos discursivamente que adquirem significados com existência autónoma, indiferentes à sua expressão (ou ausência) no real a que se referem (ver, também, Gomes da Silva 2003). O recurso ao estilo do género “reportagem”, sob a aparência da informação objectiva e pragmática, permite manter, todavia, a aura de credibilidade do sujeito conhecedor que narra o “autêntico”, que partilha o seu testemunho directo sobre “o que estava lá”, sobre propriedades intrínsecas ao objecto reportado.

Devo referir que durante os séculos XVII e XVIII, a escrita de narrativas de viagem em forma de cartas – formais ou familiares (privadas) – terá sido muito popular, sobretudo entre os viajantes da *Grand Tour*. Alguns autores argumentam dever ser feita uma distinção no tratamento da sua forma retórica com outras narrativas de viagem, por

¹²⁹ Conforme às referências em Bailey-Goldschmidt & Kalfatovic 2004: Federici, Cesare de. *The Voyage and Travaile of M. Caesare Frederick, Merchant of Venice, into the East India, the Indies, and beyond the Indies*. Trans. Thomas Hickock. London: Richard Jones and Edward White, 1588; Fitch, Ralph. *Ralph Fitch: England's Pioneer to India and Burma*. London: I. Fisher Unwin, 1899.

serem documentos particulares, mais subjectivos, menos fidedignos e até “femininos”¹³⁰ (ver Smith 2003: 201), contrariando, por isso, o estilo de exposição objectiva da informação. Todavia, essa distinção não me parece pertinente. Como demonstrado por Amy Elizabeth Smith, muitas destas cartas, formais ou familiares, foram escritas desde um primeiro momento com propósitos de publicação, recorrendo a esse formato, precisamente, pela sua popularidade como expressão máxima do testemunho directo, o que, como argumentado também por Nancy Schermerhom Struever (1995), seria conforme ao modelo da retórica clássica e à sua integração no domínio pragmático de expressão da “verdade”, dominante na época.

Deste ponto de vista, a carta como testemunho directo confunde-se também ao “contamos-lhe como foi” característico do estilo de reportagem informativa, que argumento como marca retórica das narrativas de viagem. A sua perda de popularidade nos finais do séc. XVIII prende-se apenas com a mudança epistemológica na produção de conhecimento em geral que passou a favorecer a evidência circunstancial em detrimento deste modelo de testemunho directo (Smith 2003: 200). Uma modificação que terá sido rapidamente incorporada pelos autores da literatura de viagens, como ilustrado por este excerto do prefácio do diário de viagem de Hester Thrale Piozzi, *Observations and Reflections Made in the Course of a Journey Through France, Italy, and Germany*, editado em 1798: «I have not thrown my thoughts into the form of private letters; because a work of which truth is the best recommendation, should not above all others begin with a lie» (*in ibid.*).

Ou seja, o que poderia parecer a um primeiro olhar como mudanças ocorridas pelo resultado da procura de modos alternativos para descrição da experiência, de facto não o é. O que se verifica é que os enunciados discursivos a que se recorre para narrar a experiência de viagem requerem sempre um significado partilhado em ordem à sua compreensão pela comunidade interlocutora. Só adquirem significado enquanto produtos narrativos partilhados por outros similares que os integram e reiteram, aproximando os seus autores numa espécie de “sistema de crenças” ou “corpo de

¹³⁰ Sobre a historicidade da associação simbólica entre “feminino” e ausência de razão, ver Lloyd (1993): «from the beginnings of philosophical thought, femaleness was symbolically associated with what reason supposedly left behind - the dark powers of earth goddesses, immersion in unknown forces associated with mysterious female power» (1993: 2).

conhecimentos” que serve de base ao entendimento e expressão do real; que o estrutura, define e materializa, pelo seu sucesso cumulativo¹³¹.

Na actualidade, o recurso ao estilo da retórica de “reportagem” (de exposição objectiva da evidência circunstancial) continua a ser o mais generalizado entre os profissionais da literatura mais específica de viagem, adoptado em guias, brochuras e narrativas impressas e *online* das agências de viagens e promotores turísticos. A evidenciar a eficácia deste estilo como mediador de “credibilidade” e “autenticidade” das narrativas de viagem, o popular guia *Lonely Planet* chega a dedicar algumas páginas introdutórias para descrição da proficiência no exercício da “actividade de turista” dos seus autores. O recurso à expressão “she studied to become a professional tourist” reforça a associação com a imagem do repórter “profissional” que, provido dos instrumentos teóricos e prática de terreno, possui a competência acreditada para a exposição objectiva “do que estava lá”, do registo da experiência “autêntica”:

Born in Scotland, Joyce has been on the road since an early age, including six years in Germany and the Netherlands where she developed a deep appreciation of beer. Fuelled by the travel bug, she studied to become a professional tourist but instead stumbled into publishing. In 1995 she set off for Australia in pursuit of Jason Donovan, who obligingly moved house to become her neighbour. Having satisfied that urge she turned her attention to Lonely Planet; she updated part of the *Victoria* guide and has subsequently researched *Zimbabwe*, *Morocco* and *India*. Joyce has recently traded her *salwar kameez* for a bikini and was last spotted chasing cyclones in Western Australia (AAVV. *Lonely Planet India* 2001: 9).

Veja-se a reprodução deste modelo retórico na narrativa de um turista norte-americano em circuito de aventura pela Índia, que terá permanecido cerca de dois dias em Kolkata, em Março de 2006. A sua narrativa começa assim: «**Had to visit Calcutta**». E continua,

**I wandered around the city, observing, until finally my feet were tired.
Crowded streets, every one of them, bustling with people. Derelict cows**

¹³¹ Mais uma vez, destaco a semelhança com o processo de construção da “reportagem” da actividade jornalística. Pierre Bourdieu descreve-o como uma espécie de jogo de espelhos que se reflectem mutuamente produzindo um formidável efeito “de encerramento”, “circular”, “de homogeneização das hierarquias de importância” e de “censura” extremamente eficaz (2005: 19-22). Como descreve: «Para os jornalistas, a leitura dos jornais é uma actividade indispensável (...): para saberem o que vão dizer, precisam de saber o que disseram os outros» (*ibid.*: 18) e deste modo constroem um produto narrativo que apenas «confirma coisas já conhecidas e que, sobretudo, deixa as estruturas mentais intactas» (*ibid.*: 46).

wandering about, cars, buses, trucks, carts pulled by ox. Feet that have known saddles perhaps, but never shoes. Slums, awful, but no worse than I expected, thank God. (...) People appeared to not be starving, thankfully, true of everywhere I went in India. People sleeping on the streets for sure, a few desperately thin legs and arms, but the real worry that any Westerner would feel is that there had to be millions that were one large natural disaster, or a few consecutive drought years, or a major political upheaval away from death (turista norte-americano, dois dias de estadia^{T9}).

Apenas 30 horas de estadia para que se torne mais um conhecedor da cidade e dos seus habitantes. O turista, de credibilidade atestada pela sua experiência de viajante e caminhante nas ruas da Índia (que refere várias vezes, ao longo da sua narrativa), em algumas horas observa, reconhece e analisa as “evidências” encontradas. Em reforço da “objectividade”, “autenticidade” e princípios de isenção na descrição do objecto, sente-se compelido a referir que não escamoteia resultados: “Slums, awful, but no worse than I expected, thank God”; denunciando assim, imediatamente, o encontro do objecto antecipado.

“Feet that have known saddles perhaps, but never shoes”, constata o turista. Qual o propósito deste enunciado para descrição da cidade? Aparentemente apenas a sua ressonância literária de significados de pobreza que indexa a Kolkata (e à Índia). Mas na verdade, é apenas mais um objecto que outros “já haviam dito”. Simon Winchester, no livro *Simon Winchester's Calcutta* de 2004, escreveu:

Calcutta is the only city on earth to still allow hand-pulled rickshaws (...)
How can it project itself to the world as a successful and cosmopolitan city when it still exploits people quite so blatantly and inhumanely as to use them as human mules?

There is no doubt that pulling a rickshaw is incredibly hard work. None of the pullers seem to possess shoes (Winchester 2004: 85).

E, por exemplo, uma outra turista norte-americana com um mês de estadia em Kolkata, em Outubro do mesmo ano, terá enunciado o seguinte: «**Where else in the world can you take a foot rickshaw - yes, with huge wooden spoke wheels and a snowy-**

bearded barefoot man trundling you along the street - a foot rickshaw (...)» (turista norte-americana, um mês de estadia em Kolkata^{T12}).

Que significado pode ser inferido a partir da leitura destes enunciados sobre pés descalços e a cidade? Para os leitores de Winchester: que os puxadores de *rickshaw* são uma marca da singularidade de Kolkata - “the only city on earth to still allow hand-pulled rickshaws”, infame e desumanamente explorados como mulas, não auferindo tão pouco rendimento suficiente para adquirir calçado. De acordo com a narrativa da turista norte-americana, pode inferir-se que também ela teve oportunidade de observar a cidade única em que se podem encontrar puxadores de *rickshaw* descalços. Mas para os leitores do primeiro, bastante mais audacioso no seu testemunho, é atestado que: nas “crowded streets, every one of them, bustling with people” desta cidade, a larga maioria da população, mesmo que alguma vez tenha tido a oportunidade de usar chinelos de couro (na hipótese interpretativa mais positiva para a metáfora subjacente ao termo “saddles” - selas), nunca terá sequer conhecido sapatos; nunca os usou, nunca os viu, não sabe o que são ou para que servem. Ou seja, através da duplicação de um objecto discursivo já construído anteriormente, este turista não só produziu a sua reiteração como ainda amplificou o seu significado, alargando esta representação específica a toda a generalidade da população nas ruas da cidade, sob o cunho da autenticidade do testemunho directo.



Fotografia 23^{T15}

A fotografia 23, recolhida em Kolkata no final de Novembro de 2005 (mês de Inverno, habitualmente de temperatura amena, mas que os residentes consideram frio, tendendo a usar agasalhos e sapatos mais fechados) por um turista canadiano que permaneceu

quatro meses na cidade para o seu aperfeiçoamento como músico instrumentista de *sitar* (cítara indiana), exhibe uma *rickshaw* estacionada e o seu condutor calçado com sapatilhas. E sobre esta imagem diz: «**This is typical – I have seen a lot of pictures like that, but I like it. I asked him to take this picture and he said ‘yes, I just stand here or should I ...?’ (risos)**» (turista canadiano, quatro meses de estadia^{T15}). Referindo ter sido sua intenção exhibir a imagem da *rickshaw* de indexação imediata à cidade e descrever a generosidade e disponibilidade por parte do seu condutor para ser fotografado.

Embora julgue ter captado uma imagem “típica”, em verdade, pelo que acabei de referir acima, a sua fotografia é extraordinária. Não tendo manipulado a fotografia, preparado a pose oferecendo-lhe sapatos ou procurado durante dias especificamente um puxador de *rickshaw* calçado, como terá sido possível conseguir obter esta foto num universo repetidamente relatado de pés descalços? A resposta é simples: os pés descalços não eram algo que procurasse.

Dada a duração da estadia de [DB] na cidade e a sua coincidência com a nossa própria estadia, tornámo-nos amigos, mantendo uma relação de proximidade¹³². Em conversa informal que mantivemos já no final do mês de Fevereiro de 2006, fiz referência ao facto de alguns dias antes ao rever a sua fotografia, quando procedia a uma reorganização de arquivo do material obtido em *photovoice*, ter notado que esta apresentava um condutor de *rickshaw* calçado - algo que ambos não tínhamos notado ou mencionado na conversa em Novembro. Respondeu-me que, chamando-lhe eu a atenção para esse facto, era realmente interessante o que se podia ver posteriormente numa fotografia - «things that were there» e que não haviam sido vistas no momento da sua captação. E relativamente ao tema dos sapatos:

DB: Now, thinking of that, since I’m staying here, there was really a significant change on the feet of the pullers, *coolies*, and so on. I mean, it changes according to the weather, isn’t it? If I have taken the same picture during this season, the guy will probably appear with bare feet!¹³³

¹³² Esta situação não foi excepcional. Pelo contrário, com muitos dos turistas contactados com estadias longas e coincidentes à minha estadia em Kolkata – algumas até, repetidamente em vários períodos de trabalho de campo – o desenvolvimento de proximidade e de relações de amizade que continuam ainda hoje foram uma decorrência natural.

¹³³ Conversa com [DB]. Kolkata, 26-02-2006.

5.2.2 A Intertextualidade e a Constituição da Narrativa de Viagem como Género de Construção Identitária

De acordo com Sara Mills (1991), outra das características que emerge da análise diacrónica e sincrónica das narrativas de viagem é a sua marca distintiva em forma de colagem pelo seu carácter de intertextualidade. Os autores não só tendem a reproduzir enunciados de outros relatos disponíveis de viagens reais ou ficcionadas, mas também, de acordo com as motivações subjacentes à sua viagem e ao destino escolhido, tendem a procurar e duplicar narrativas em diferentes áreas de produção de conhecimento: novelas de quotidiano, textos de carácter científico, representações convencionais da paisagem (imagens pictóricas)¹³⁴, narrativas sobre a situação política e relação histórica entre os dois locais, etc., o que lhes confere uma marca distintiva em forma de colagem, de textos e discursos fragmentados (Mills 1991: 80).

Isto mesmo é particularmente evidente a partir do séc. XVIII, já que a acessibilidade relativamente alargada aos textos escritos só é iniciada na Europa a partir desta altura. A tradução desta acessibilidade em maior produção, abundância de cópias e reedições, diversidade de mediadores linguísticos e, conseqüentemente, maior familiaridade para leitura e apropriação, fazem desta circunscrição temporal o enquadramento determinante para as possibilidades de “sobre o que dizer” nas narrativas de viagem da contemporaneidade. Devo mencionar que, também, no que diz respeito aos relatos de viagem dos dois séculos anteriores de expansão colonial, estes terão sido recuperados e tornados acessíveis a um público mais alargado, através de traduções para outras línguas e grandes volumes de versões impressas mais versáteis ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, por meio de editores como a The Hakluyt Society, Giambattista Ramusio, Theodore de Bry, Samuel Purchas, Arnoldus Montanus, John Harris ou Jean-Frédéric Bernard. O que indica que também estes relatos terão sido resgatados, servindo de suporte e precedência às construções narrativas elaboradas posteriormente.

¹³⁴ As representações pictóricas constituem, desde sempre, parte integrante da literatura de viagem. Relembro que aqui se incluem o desenho ilustrativo e mais tarde, a fotografia, mas também, mapas, cartas náuticas, etc. Relativamente aos usos e tipos de representação cartográfica nas narrativas de viagem ocidentais do período colonial, sugiro a leitura do trabalho de Jordana Dym de 2004: «The Familiar and the Strange: Western Travelers' Maps of Europe and Asia, ca. 1600-1800».

Quando a relação de dominação económica e política britânica sobre a Índia se consolida na segunda metade do séc. XVIII, os temas orientados para o mercantilismo e exploração económica dominantes nas narrativas de viagem dos dois séculos anteriores (de que dei exemplos) perdem significância, dando lugar à restauração da proeminência dos temas conotados com exotismo. A construção destes objectos nas narrativas de viagem sobre a Índia passa a ser articulada por todo um corpo de produção de conteúdos de saberes diversos, largamente difundido e familiar, pautado pelo que desde Edward Said é conhecido como o discurso hegemónico colonial ou *Orientalismo*¹³⁵ (Said 1990 [1978], 1985). Como argumentado por inúmeros autores, desde Said, as narrativas ocidentais de viagem a partir desta época passam a responder, deliberada ou involuntariamente, aos desígnios de uma Europa imperial, servindo à reafirmação do seu poder sobre o território colonizado e as suas populações. Ou como salienta Menezes de Souza (2004), a narrativa passa a servir a construção da identidade colonial e a narrativa de viagem a constituir o seu género, por excelência.

Suportado pelas construções evolucionismo-progressistas, de superioridade racial, expansão colonial, hierarquização civilizacional, “bom selvagem” e “vil oriental”, etc., para o qual concorreram todos os campos de saber “ocidentais” da época (nesta altura, um “ocidente” ainda confinado à Europa e América do Norte), este tipo de construções representacionais culmina na criação de um corpo de referência de especialistas, orgulhosamente designados por “Orientalistas”. Ou seja, especialistas no imenso conhecimento do que diria respeito ao *Oriente* e que incluiria a maior parte da população e território mundiais (sobre *Orientalismo*, *Oriente* e as suas alterações em termos de mapeamento cognitivo, falarei mais à frente no capítulo 7); ou mais modestamente “Indianistas” ou “Indologistas”, se um pouco menos ambiciosos e limitando-se ao conhecimento global relativo a todas as esferas do universo social do território indiano¹³⁶.

¹³⁵ Nas palavras de Said:

Orientalism of course refers to several overlapping domains: firstly, the changing historical and cultural relationship between Europe and Asia, a relationship with a 4000 year old history; secondly, the scientific discipline in the West according to which beginning in the early 19th century one specialized in the study of various Oriental cultures and traditions; and, thirdly, the ideological suppositions, images and fantasies about a currently important and politically urgent region of the world called the Orient (Said 1985: 90).

¹³⁶ Notavelmente, estas designações e outras similares como: “Africanistas”, “Indigenistas”, etc. continuam a resistir na academia, indiferentes a décadas de movimentos de auto-crítica na disciplina antropológica, o que reforça o argumento da reificação estereotipada das organizações discursivas e dificuldade na sua substituição, em todas as áreas de produção de conhecimento. Sobre o “orientalismo

Relativamente ao início da produção deste tipo de representações textuais sobre a Índia é quase possível datar o seu momento exacto no tempo sob a alçada da governação de Warren Hastings. William Jones (1746-1794) foi o grande responsável pela criação da Asiatic Society no ano de 1784 na então Calcutá, capital do *British Raj*. Defensores da importância do estudo das línguas “orientais” e textos produzidos na Índia, William Jones e os seus colegas desta instituição ter-se-ão designado a si próprios por “Orientalistas” em oposição aos utilitários “Anglicistas”, dominantes na administração e ostensivamente antagonistas ao reconhecimento de qualquer produção vernácula. A criação da Phrenological Society na mesma cidade, nos anos de 1820, pela paixão de George Murray Paterson (influenciado pelos trabalho de europeus continentais como Buffon e Blumenbach), vem complementar este conhecimento com a sua contribuição de estudos comparativos de crânios e teorias derivativas sobre diferenças raciais, intelectuais, de mentalidades e pensamento religioso, que serão difundidas em artigos, livros, palestras, aulas e debates quer na metrópole europeia quer entre as elites locais, através destas e de outras instituições como o Calcutta Medical College, a Physical Society ou a Horticultural Society (Kapila 2007). Shruti Kapila testemunha que não são apenas as elites da burocracia imperial que se envolvem na persecução e difusão destas ideias:

The [Phrenological] Society’s executive body included mixed-race men from the lower end of the imperial hierarchy such as John Matthew Dove and many others who belonged to the commercial world such as the merchant William Carr of the Union Bank and a later partner in the prominent agency house Carr, Tagore [Dwarkanath] and Co. (Kapila 2007: 489).

E em 1845, o bengali Kali Kumar Das, educado no Calcutta Medical College, funda uma segunda Calcutta Phrenological Society composta, na sua totalidade, por membros bengalis hindus:

Other members such as Neel Kamal Mitra and Nobin Chandra Bose were, like Das himself, also active in other societies, notably the Bethune Society and the Calcutta School Society that became parallel sites of debate on related questions of religion and western education (*ibid*: 495-6).

português”, ver, por exemplo: Perez 2002 e o número especial “Mirrors of Empire” da revista *Etnográfica* 6 (1), organizado por Rosa Perez e Clara Carvalho (2002).

Embora com propósitos um pouco diferentes dos primeiros, ideologicamente próximo do hinduísmo reformista, de acordo com os pensadores frenologistas com que aprendera e admirava, Kali Kumar Das entendia a frenologia como um instrumento activo de regeneração para os seus compatriotas:

He believed that the Bengali was equal to the European in capacities of craftsmanship, commerce and logic. He reserved his criticism for the Bengali's intellectual orientations. Though "one of the most intelligent peoples on the face of the globe", their "lack of degree of interest in . . . history" was not only a cause of his lamentation, but it had made the "Bengalee head . . . deficient"¹³⁷ (*in ibid*: 497)

Denunciando, assim, a aceitação e cumplicidade na difusão da "verdade" da sua condição de inferioridade racial determinada pelas construções discursivas dos seus colonizadores.

É a partir desta variedade de formações discursivas que as narrativas de viagens reais ou ficcionadas à Índia passam a adquirir forma, ao mesmo tempo que aí se inscrevem em relação de validação mútua. No prefácio ao seu *Journal of a Residence in India* (1812), a inglesa Maria Graham (1785-1842) reforça a credibilidade da sua narrativa, precisamente, com o esclarecimento de que a informação nela inscrita deriva de: «many individuals distinguished for Oriental learning and research» (Graham 2000: 11) e não directamente da população "nativa", já que para si mesmo os indianos mais eruditos serão, como peremptoriamente afirma, «ignorant, even with regard to their own sciences» (*id. ibid.*).

Não cabendo aqui o aprofundamento da fabricação e modos de difusão e impregnação popular das construções discursivas sobre raças e diferenciação racial, suas correspondências frenológicas ou seus propósitos de legitimação de exercícios de poder e expansão colonial, sublinho, apenas, que a sua difusão foi de tal forma extraordinária (mesmo entre as populações colonizadas) que a sua presença nos enunciados

¹³⁷ Citações conformes à referência em Kapila 2007: Kali Kumar Das, «Phrenological Development of the Bengalees», *The Pamphleteer*, vol. I, no. 3 (1850), p. 67.

discursivos sobre os *Outros* - dominantes nas narrativas de viagem - se mantém inabalável até hoje¹³⁸.

Para este facto concorre, naturalmente, a sua perenidade ao nível das metanarrativas dominantes produzidas (de modo assumido ou dissimulado) em diversas áreas de conhecimento¹³⁹ e difundidas pelos mediadores de cultura populares. Reproduzidas, reconstituídas, reorganizadas e reincorporadas em enunciados discursivos mais ou menos formais, uma e outra vez, em proposições discursivas sob a forma de notícias, reportagens, relatos, ensaios, novelas e até exercícios autobiográficos, como neste exemplo do ilustre premiado Nobel da literatura, nascido em Trinidad, V. S. Naipaul (também escritor de viagens e tendo produzido três livros sobre a Índia). No seu ensaio «Two Worlds» apresentado na cerimónia de recepção deste prémio, expressa-se deste modo sobre o universo social em que cresceu:

There were the African or African-derived people who were the majority. (...) There was the capital, where very soon we would all have to go for education and jobs, and where we would settle permanently, among strangers. There were the white people, not all of them English; and the Portuguese and the Chinese, at one time also immigrants like us. And, more

¹³⁸ Bhaskar Mukhopadhyay, analisando a evolução da escrita bengali sobre viagens, descreve, como este género de “narrativa de viagem” emerge aqui também no final dos anos de 1800. Até esta altura, as narrativas dos viajantes bengalis seriam inscritas em modelos retóricos bastante distintos do europeu:

[O]n the one hand, the powerful pre-modern tradition of pilgrimage-narratives in Sanskrit and Bengali and, on the other, a well-developed tradition of travel-writing in Persian (Bengali men of affairs of the eighteenth century were steeped in Persian court culture). Neither of these, as it were, derived from a mimetic theory of writing (Mukhopadhyay 2002: 295).

A partir desse momento, porém, este tipo de construções discursivas e significados geopolíticos de oposição *ocidente/oriente* veiculados pelos colonizadores, passam também a ser replicados entre os autores bengalis:

A close reading of these travelogues establishes decisively that our tourists had internalized not just histories and geographies written by Europeans (which formed part of the school curriculum in British Bengal), but also much of contemporary Anglo-Saxon writing on travel. In many cases, descriptions of landscape, monuments, and people are so similar that the inescapable conclusion is that many of our travelogues were simply citations. This is only rarely admitted by the writers themselves (*ibid.*: 300).

¹³⁹ Recentemente, o geneticista Guido Barbujani (2007) sentiu necessidade de dedicar um livro à demonstração da inexistência de raças humanas através das evidências da sua disciplina científica, confessando o seu constrangimento perante a persistência deste tipo de discursos entre cientistas. Como afirma, por exemplo, ainda em Março de 2005, terá sido publicado com grande evidência no *New York Times* um artigo de Armand Marie Leroi (um especialista em vermes nematóides de quem não se conhecem pesquisas sobre o homem) sustentando que as raças humanas são evidentes a todos e que alguns cientistas se recusam a admitir que assim seja por razões requintadamente políticas (Barbujani 2007:13). E por exemplo, Sarah White (2002) denuncia como os discursos contemporâneos sobre desenvolvimento assentam na continuidade dos mesmos pressupostos de ordenamento do real que perpetuam o projecto de racialização da diferença.

mysterious than these, were the people we called Spanish, *'pagnols*, mixed people of warm brown complexions who came from the Spanish time, before the island was detached from Venezuela and the Spanish Empire – a kind of history absolutely beyond my child's comprehension (Naipaul 2002: 483).

Não obstante o seu humilde reconhecimento da dificuldade de compreensão deste universo de significados diferenciadores e de subalternidades na sua infância, na verdade, quando mais à frente, no texto e na sua vida:

(...) travelled in the Caribbean region and understood much more about the colonial set-up of which I had been part. I went to India, my ancestral land, for a year; it was a journey that broke my life in two. The books that I wrote about these two journeys took me to new realms of emotion, gave me a world-view I had never had, extended me technically. I was able in the fiction that then came to me to take in England as well as the Caribbean – and how hard that was to do. I was able also to take in all the racial groups of the island, which I had never before been able to do (*ibid*: 485);

Continua a não conseguir deixar de lhes atribuir uma identidade racial (nas suas palavras: “all the racial groups of the island”) e compreender a amplitude de significados dessa atribuição.

Devo clarificar que a Índia ocupa um lugar consideravelmente especial neste imaginário narrativo *orientalista*¹⁴⁰, oscilando entre dois modelos de representação que se difundem

¹⁴⁰ Ao longo desta dissertação, usarei frequentemente os termos “orientalismo” e “orientalista”. Quando não especificado de outro modo, o seu uso é aplicado genericamente no sentido de Edward Said: um estilo de pensamento assente na distinção ontológica e epistemológica entre o “Ocidente” e o “Oriente” em que o segundo é construído discursivamente enquanto oposto, subordinado ao primeiro - o seu *Outro* (Said 1990). No entanto, como sistematizado por Peter Heehs, existem variantes sincrónicas e diacrónicas de estilos/modelos de discurso passíveis de serem enquadradas no Orientalismo (que abordarei também no capítulo 7). Para este autor, no que diz respeito à Índia, até ao início do período colonial (aproximadamente 1500), as variantes discursivas sobre o Oriente emanadas pela Europa são caracterizadas pela ausência de “diálogo” com o seu objecto discursivo. Só a partir deste momento, emerge o que designa por *Colonial Orientalism* e em que identifica três estilos discursivos que designa como: “Patronizing/Patronized Orientalism” emergente entre os “Orientalistas” britânicos na governação de Warren Hastings e absorvidos por pró-“Orientalistas” indianos, como o bengali Rammohun Roy (1772-1834); “Romantic Orientalism” que indexa aos “Indologistas” românticos germânicos (“German Romanticism”) e reproduzidos depois por indianos, exemplificando com o *Hindu Superiority* de Har Bilas Sarda (1906); e, um último estilo, o “Nationalist Orientalism” que emerge na Índia do final do séc. XIX associado ao movimento nacionalista, elegendo como exemplares os escritos de suster Nivedita (ou Margaret Noble [1867-1911]), discípula do famoso intelectual bengali (e *guru* santificado) swami Vivekananda (1863-1902). Integrados no que designa por *Postcolonial Orientalism*, identifica as variantes discursivas de “Critical Orientalism”, emergentes na Índia nas décadas de 1950-60, sobretudo

paralelamente ao longo dos anos de 1800. O primeiro, generalizado a todo um universo nebuloso “não ocidental”, de construções representacionais sobre a inferioridade racial intelectual e civilizacional, anomalias mentais e de comportamento, e natural posição de subalternidade das populações “nativas” dos territórios colonizados, emanado por grande parte dos representantes das administrações coloniais. Na Índia, este modelo terá sido defendido e difundido, sobretudo, por parte de “Anglicistas”, de que são exemplos enunciados como o de William Wilberforce (1813): «Hindu divinities were absolute monsters of lust, injustice, wickedness, and cruelty. In short, their religious system is one grand abomination»¹⁴¹; ou como o de James Mill, na sua *History of British India* (1840):

Even in manners, and in the leading parts of the moral character, the lines of resemblance (between Indians and Chinese) are strong. Both nations are to nearly and equal degree tainted with the vices of insincerity; dissembling, treacherous, mendacious, to an excess which surpasses even the unusual measure of uncultivated society¹⁴²;

Ou, de forma mais fleumática, por Sir Richard Temple (1883):

[Art schools] will teach them one thing, which through all the preceding ages they have never learnt, namely drawing objects correctly, whether figures, landscape or architecture. Such drawing tends to rectify some of their mental faults, to intensify their powers of observation, and to make them understand analytically those glories of nature which they love so well¹⁴³.

Embora tenham sido os britânicos, pela sua posição privilegiada de administradores no terreno, as principais fontes emissoras e difusoras deste modelo imagético, este terá sido sustentado e expandido por todo um corpo de produção de pensadores europeus e norte-

através de historiadores como a brilhante Romila Thapar (a quem recorrerei nesta dissertação) no seu esforço de reconstrução interpretativa da sua história; “Reductive Orientalism” que exemplifica com o trabalho de Ronald Inden (a quem também farei referência), argumentando Heehs que, apesar da incorporação das ideias de Said, continua a negar a agência indiana na sua história; e, finalmente, o estilo “Reactionary Orientalism” que atribui ao movimento crítico “revisionista”, entre académicos indianos de várias disciplinas na contemporaneidade, que rejeita a universalidade da aplicação das dialécticas do chamado “pensamento europeu” a universos simbólicos e sociais distintos (Heehs 2003: 172-176).

¹⁴¹ Extraído de Great Britain, *Hansard's Parliamentary Debates* 26 (22 June 1813): 164 e citado em Kopf 1980: 503.

¹⁴² James Mill, *History of British India*, 4th ed (London: James Madden and Co., 1840), 2: 135. Citado em Kopf 1980: 504.

¹⁴³ Extraído de *Oriental Experience* de Sir Richard Temple e citado em Mitter 1994: 32.

americanos, que exemplifico, de entre muitos, com este enunciado do proeminente filósofo alemão Georg Hegel (1770-1831)¹⁴⁴. Numa altura em que a Europa ocidental já dominando e conhecendo um pouco mais sobre grande parte da Ásia, começava a estruturá-la discursivamente em objectos distintos: o “próximo oriente” e o “médio oriente”, ainda próximos do “ocidente”, partilhando princípios de monoteísmo e valores de individualismo com a Europa e América cristãs, por oposição ao distante, “extremo oriente” em que se incluiria a China e a Índia (Inden 1986: 405):

The European who goes from Persia to India, observes, therefore, a prodigious contrast. Whereas in the former country he finds himself still somewhat at home, and meets with European dispositions, human virtues and human passions – as soon as he crosses the Indus (i.e., in the *latter* region), he encounters the most repellent characteristics, pervading every single feature of society (*in* Inden 1986: 405-406)

With the Persian Empire we first enter on continuous History. The Persians are the first Historical people; Persia was the first Empire that passed away. While China and India remain stationary, and perpetuate a natural vegetative existence even to the present time (*in ibid*: 424)¹⁴⁵.

Tomemos como exemplo os enunciados supracitados de 1800, de William Wilberforce: “absolute monsters of lust, injustice, wickedness, and cruelty” e de James Mill: “tainted with the vices of insincerity; dissembling, treacherous, mendacious, to an excess which surpasses even the unusual measure of uncultivated society” (*op. cit.*) e veja-se como estas construções representacionais e escolha de objectos e termos discursivos persistem de forma cumulativa ao longo do tempo até às narrativas da actualidade. Em 1975, pelo escritor de viagens Paul Theroux (1941-):

I stayed in Calcutta for four days, giving lectures, seeing the sights and loosing my lecture fees at the Royal Calcutta Turf Club (...). On the first day

¹⁴⁴ Autores como Hegel demonstram o impacto da difusão destes modelos discursivos para construção representacional do *Oriente* e da Índia. Ainda hoje, Hegel é um dos autores incontornáveis nos conteúdos programáticos académicos relativos à filosofia do chamado “pensamento ocidental” (Portugal incluído); continuando, assim, a exercer a sua influência na formação e construção de pensamento dos jovens estudantes.

¹⁴⁵ Conforme à referência em Inden 1986: G. W. F. Hegel, *The Philosophy of History*, tr. J. Sibree (New York: Dover, 1956, p.173). De acordo com as suas investigações, Ronald Inden considera que esta (má) tradução inglesa de Sibree completada em 1857 terá sido provavelmente a mais lida pelos “Indologistas” da época.

the city seemed like a corpse on which the Indians were feeding like flies; then I saw its features more clearly, (...) having decided that Calcutta was Dickensian (perhaps more Dickensian than London ever was) (...) in a city of mutilated people only the truly monstrous looked odd (Paul Theroux, *The Great Railway Bazaar*)¹⁴⁶;

em 1990, pelo escritor de viagens e jornalista Peter Holt (1956-):

The dreadful Kali is the wife of Shiva, and is portrayed as a bloodthirsty, axe-wielding psychopath, dripping in blood, with the heads of her victims hanging on string around her neck. In normal circumstances the likes of Kali would be taken in for police questioning. But in Calcutta she is revered as the city's patron goddess. The similarly evil appearance of Calcutta must be more than mere coincidence (Peter Holt, *In Clive's Footsteps*)¹⁴⁷;

em 2004, na narrativa de um turista francês em Kolkata:

Ce n'est qu'un visage de la grande Calcutta, mais de la noirceur d'un abîme qui phagocyte toute autre impression, de la noirceur de Kali, la féroce. (...) J'apprendrai que parfois, ce sont des rigoles de vrai sang qui s'écoulent sur le marbre blanc et froid baignant les pieds nus des fidèles, le sang de chèvres égorgées dans la clameur collective d'une ferveur excessive. Folie pure, scandaleuse barbarie... les mots se bousculent, tranchants comme les bourreaux, j'imagine... j'imagine bien, du reste, à constater, interdit, l'hystérie qui gagne Kali-ghat (turista francês, quatro dias de estadia);

e, em 2005, na narrativa de uma turista inglesa:

They will do anything for a few rupees and it is especially heartbreaking to see the amputations that have been done at the hands of unscrupulous parents, or guardians so their children can play on the sympathies of visitors. (...) Give at your peril - there may only be a few dozen beggars, but get out your cash and you will be swamped until you have had the shirt off your back removed! (...) if a taxi driver knocks someone down in the street, get out of the car and run! The people will

¹⁴⁶ In Winchester & Winchester (eds) 2004: 281-282.

¹⁴⁷ In Winchester & Winchester (eds) 2004: 169.

**kill the driver and burn the car, whether or not there is someone in it...
I never saw this happen, fortunately, but I have been told by countless
people that it does – so, people, beware!** (turista inglesa, uma semana de
estadia em Kolkata^{T1}).

Paralelamente a este modelo (mantendo, embora, as mesmas premissas de distanciamento, de extremo exótico, de estagnação civilizacional e condição natural de subalternidade), na esteira do romantismo do séc. XIX, a Índia terá sido elevada por alguns intelectuais europeus (destes, intelectuais franceses e britânicos foram alvo de extenso estudo por Said em 1978), ao estatuto de supremo representante de afirmação do passado, do exótico e da alteridade cultural, de lugar mítico primado pela espiritualidade e sabedoria e, simultaneamente, povoado pelo “bom selvagem”. Particularmente relevantes foram os indologistas/indianistas alemães (estes não contemplados na análise de Said) como Johann Herder, os irmãos August e Friederich Schlegel, ou Friederich Max Mueller (1823-1900) - um dos mais importantes indologistas da época que terá ensinado ingleses e franceses e, à semelhança de muitos dos seus colegas, nunca terá visitado este país. Ou ainda, não especialistas, como Schopenhauer (1788-1860) e Friedrich Nietzsche (1844-1900), o que, mais uma vez, demonstra o impacto da difusão destas narrativas ao nível das possibilidades de construção discursiva em áreas de produção textual tão distintas. Como refere Kaushik Bagchi, apoiando-se no estudo de Herman Tull:

With the British now involved in the down-to-earth task of actually governing a colony, Romantic interpretations of India became the preserve of the Continentals, especially the Germans, who were already cut off from India politically, and who further “isolated themselves from the ‘living’ Indian tradition.” They did this, for example, by disparaging native commentaries on the Vedas, or deliberately ignoring aspects of Indian culture that appeared “tasteless and monstrous” in favor of what they considered more refined¹⁴⁸ (Bagchi 2003: 296).

A ênfase aqui colocada neste modelo de representação germânico (integrado no chamado “German Romanticism”) prende-se com duas circunstâncias. A primeira, pela

¹⁴⁸ Citações conformes à referência em Bagchi 2003: Herman W. Tull, «F. Max Mueller and A. B. Keith: “Twaddle”, the “Stupid” Myth, and the Disease of Indology» *Numen* 38, fasc. 1: 31-32.

importância das correntes de pensamento e teóricos germânicos no sistema educativo europeu e na construção do pensamento erudito e capacidade discursiva (tão caros a todos os que escrevem) associada à importância do género romântico na literatura europeia e à sua difusão por autores de grande sucesso de narrativas de viagem ou ficção dedicada ao “oriental”, de várias nacionalidades, como Flaubert, Goethe, Rudyard Kipling ou Byron, o que aponta para a sua relevância particular nas possibilidades “de dizer” e “como dizer” dos relatos contemporâneos. Para muitos turistas, a procura deste objecto mítico primado pela espiritualidade e sabedoria continua ainda a ser encontrado e manifesto nos seus relatos:

This is the *Art of Living*. It is in a session, near the Tram Depot. I didn't want to disturb anyone, there's a spirit of being together, sharing the truth. At the end, there was somebody reading - they went to a class in Rishikesh - and one girl said: after she was so much inspired that she could jump from 30 feet to the Ganges and she said she had never done that before. She was like radiating. (...) I was very happy to be there (turista canadiana, algumas semanas de estadia em Kolkata, 2007^{T26}).

A segunda razão, um pouco mais velada, prende-se com a ainda pouco estudada relação de permuta simbiótica entre as construções discursivas deste modelo orientalista, o nacionalismo germânico que conduziu ao Terceiro Reich e o designado por alguns, como Peter Heehs (2003), como “orientalismo nacionalista indiano” e o “nacionalismo hindu” ou *Hindutva* que, na actualidade, tem a sua expressão política mais radical no partido Bharatiya Janata Party (BJP) e na sua máxima “A Índia é dos hindus”¹⁴⁹. As construções ideológicas que sustentam as posições extremas destes dois movimentos, ainda que com uma expressão social controlada, persistem insinuatoramente na construção e estruturação discursiva das identidades em estudo, assim como na sua sustentação grosseira no binário de opostos estabelecido no relato do encontro com *Outro* em Kolkata: “europeia-ocidental” para os turistas internacionais e “oriental-indiana-bengali” para os anfitriões¹⁵⁰.

¹⁴⁹ Sobre o partido BJP e a sua influência institucional para a construção de uma identidade nacional na Índia ver: Adeney & Lall (2005).

¹⁵⁰ A temática das identidades estabelecidas no encontro do turismo internacional em Kolkata será objecto de análise detalhada nos capítulos que se seguem.

É no seio do chamado “orientalismo romântico” germânico, que são encontradas ou desenvolvidas as proposições conservadoras de afirmação de passado, tradição e nacionalismo (Arendt 1973); de uma identidade linguística indo-europeia ancestral partilhada por europeus (não-semitas) e indianos – colocando o sânscrito no seu vértice de origem; e, na sua consequência, uma identidade racial ancestral partilhada entre (alguns) europeus (mais “brancos”) e alguns indianos hindus, de castas “sancritizadas” com elevado estatuto social – a raça ariana, dos *aryas* (“povos em movimento”) que terão vindo do exterior, dominado o vale do (rio) Indus e criado a civilização e organização ancestral da Índia bramânica. Recorrendo mais uma vez à descrição de Bagchi:

As Indians in the nineteenth century became aware of European Orientalist research, the hypothesis of racial (Aryan) affinity between Indians and Europeans was welcomed, particularly by conservative, upper-caste Hindus. These Hindus were receptive to any ideas that would reinforce their own status, based on a perceived racial distinction between themselves and the supposedly non-Aryan lower castes of India, going back to remote antiquity. Hindus, and indeed all Indians, were at this point chafing under the humiliation of rule by a European power. They would therefore welcome any suggestion, especially from Europeans, that would assuage their sensibilities and confirm their “past glory.” This is exactly what German Orientalists provided (Bagchi 2003: 297).

Já em meados do séc. XX, emerge uma outra imagem que passa a concorrer com estas - ou melhor, uma imagem de continuidade com uma nova roupagem política: após a II Guerra Mundial, a nova Índia independente vê o seu estatuto romântico obscurecido pela sua inclusão no grande bloco difuso de jovens e velhas nações ex-colónias, colocado sob o rótulo de “Terceiro Mundo” e do discurso de desenvolvimento que se substituiu ao discurso colonial. As novas narrativas de viagem da segunda metade do século XX passam, então, a ser organizadas genericamente de dois modos: ora, conformes ao progressismo moderno, repudiam aberta e veementemente esta visão de exotismo romântico e estatuto particular da Índia entre as nações, agora, estruturadas em objecto terceiro mundista, abraçando o discurso sobre subdesenvolvimento, decorrente (e por isso, mais próximo) dos anteriores discursos extremados colonialistas; ora, para os menos progressistas e mais críticos da “nova ordem mundial”, procuram incorporar a

velha visão romântica com os novos termos discursivos sobre terceiro mundo, criando um tom renovado, marcado pela ambivalência entre os dois universos representacionais. Habitualmente, no entanto, mesmo quando os dois universos representacionais são incorporados, verifica-se que o autor procede à apologia de um deles. Veja-se este enunciado de um turista norte-americano em circuito de aventura pela Índia em 2006:

In India, ancient beliefs and customs seem to be as alive as ever, caught in a state of suspended animation side by side with the modern. Everywhere you would run into educated minds of great sophistication and insight as you would meet illiterate people who clearly live simple lives. (...) India is unsanitary and crowded, a bad combination (...) I'm compensating by enjoying the sense of belonging to a culture that its "state of the art" is cleanly, hygienic, protected modern living (turista norte-americano, dois dias de estadia em Kolkata^{T9}).

O escritor Peter Holt, mencionado acima, também é exemplar a este respeito. Através da referência aos dois modelos na sua narrativa, não só efectua a validação do discurso terceiro mundista como o legitima através da sua atribuição, em conversa, a um jovem residente indiano de Kolkata, estudante de medicina:

He talked about his life in the city. "India is the black hole of Asia, Calcutta is the black hole of India. There is no future here. (...) They say I will not like the West. There is too much rudeness, it is a bad way of life, they say. (...) I hate these foreigners for their arrogance. They see India as nicely old-fashioned and polite. I would rather have the rudeness of the West and a good job and maybe a car. (...) When they are forty they will have cars, homes of their own and gardens where their children can play. I will not." Depressing stuff (Peter Holt, *In Clive's Footsteps*)¹⁵¹.

Durante os 15 meses de trabalho de campo que efectuei neste país e, designadamente, nesta cidade, tive oportunidade de conhecer vários profissionais de medicina, muitos deles sem experiência de emigração para o "ocidente", e em caso algum, encontrei um médico ou médica que não tivesse emprego, carro (com motorista), e casa com ou sem jardim, sempre com uma ama ou familiar para acompanhar as crianças a brincar em

¹⁵¹ In Winchester & Winchester (eds) 2004: 175.

espaços exteriores apropriados para o efeito. Mas essa, claramente, é apenas a representação de Kolkata que experimentei. No caso de Peter Holt, é óbvio não ser essa a cidade que procurava, mas antes, como ele próprio afirma: «my quest for Clive's Calcutta»¹⁵². E não duvidando que esta conversa tenha tido lugar, não deixa de ser intrigante que este jovem indiano tenha usado por duas vezes a expressão “black hole” num diálogo informal. Pessoalmente, nunca tive oportunidade de a ouvir por parte de qualquer indiano em Kolkata, a não ser em contexto académico ou em visita turística ao monumento histórico em memória do incidente “Black Hole of Calcutta” ocorrido em Junho de 1756. De facto, o seu uso parece até só adquirir significado quando entendido como artifício literário de referência a esta imagem representacional.

Em 1756, o *Nawab* Siraj-Ud-Daula, soberano de Bengala e Bihar, sentindo a sua condição de soberania ameaçada pelo abuso dos privilégios de *dastak* (permissão de comércio livre) por parte da English East India Company, acrescido ao reforço efectuado nas defesas da fortaleza britânica, terá decidido atacar o seu centro de poder: a cidade Calcutá e, em particular, o Fort Williams. “Black Hole of Calcutta” é indexado ao evento histórico de tomada do Fort Williams e aprisionamento de cerca de uma centena de europeus, que aí se encontravam, numa cela de pequenas dimensões durante alguns dias, tendo resultado na morte por asfixia da sua maioria. Porém, nas narrativas britânicas, a sua conotação adquire um significado bastante mais amplo: o “Black Hole” representa a “insolência” do ataque de inferiores “nativos” ao centro de poder britânico na Índia, com o “ultrajante” aprisionamento de mais de uma centena de membros da elite “branca” e a morte de uma grande número destes. Na sequência destes eventos, a presença britânica ter-se-á decidido pela demonstração do seu poder como força ocupante imperial, reconquistando o forte e a cidade sob o comando do jovem Robert Clive, em 1757, e nesse mesmo ano com a batalha de *Palashi* (ou Plassey) consolida o seu poder sobre Bengala, com Robert Clive como seu governador.

Este episódio histórico terá sido conotado com um significado de tal modo ofensivo e ultrajante para a identidade de “superioridade colonial” britânica, e ao que parece, pela narrativa de Peter Holt e muitos outros, ainda hoje, para a sua identidade de “superioridade ocidental”, que, para além dos inúmeros relatos, apontamentos históricos e vários livros dedicados exclusivamente a este tema que continuam a ser produzidos,

¹⁵² *In ibid.*

ainda persiste, na actualidade, o debate em torno da autenticidade e dimensão dos acontecimentos (ver, por exemplo: Pradip Sinha *in* Chaudhuri 2005: Vol. I, 8-9; Simon & Rupert Winchester *in* Winchester & Winchester 2004: 29-86). E relativamente ao papel desempenhado por Robert Clive (1725-1774) na sequência destes acontecimentos e na restauração da aviltada dignidade da identidade colonial britânica, ainda mais terá sido dito. Por exemplo, sob o domínio de um único título apenas – *Clive of India* – terão sido escritos pelo menos quatro livros e Richard Boleslawski ainda terá realizado um filme, em 1935. Não encontrei qualquer evidência, todavia, de que este interesse pelo assunto seja partilhado ao nível da cultura popular pelos residentes em Kolkata; ou seja, é mais uma das histórias que apenas parece adquirir significado enquanto parte da grande narrativa ao serviço da construção identitária “ocidental” e designadamente “anglo-saxónica”.

Devo referir ainda que Mary Louise Pratt (1985) define dois modelos de narrador comuns à maioria das narrativas de viagem. Um, que designa por “manners and customs narrator”: mais impessoal, empenhado no estilo informativo da voz onisciente e ubíqua que relata o que vai sendo observado. Este tipo de narrador, mais associado ao discurso colonial e à imagem do descobridor (e acrescento, também associado ao estilo narrativo clássico do discurso antropológico), é aquele que mantém a sua posição de superioridade inabalável reprimindo a expressão de qualquer influência por parte dos visitados. O outro, o tipo “sentimental narrator”: é aquele que usando um estilo mais intimista, em alguns momentos da sua narrativa expressa o seu envolvimento e influência pelos visitados. De acordo com a autora, o tipo de narrador que procura interessar-se pelas pessoas enquanto indivíduos, pelos seus pontos de vista (Pratt 1985: 125), permitindo revelar algum nível de hibridação na “zona de contacto”¹⁵³ (Pratt 1992).

¹⁵³ O termo “híbrido” foi apropriado a partir da biologia e da botânica e introduzido nas ciências sociais por Mikhail Bakhtin: «[Hybridization] is a mixture of two social languages within the limits of a single utterance an encounter, within the arena of an utterance, between two different linguistic consciousnesses, separated from one another by an epoch, by social differentiation or by some other factor (Bakhtin 1981: 358). Homi Bhabha, na defesa de um posicionamento teórico capaz de escapar aos dualismos de opostos ocidente/oriente, eu/outro, senhor/escravo, encontra o que entende como uma posição «which overcomes the given grounds of opposition and opens up a space of translation: a place of hybridity» (Bhabha 1994: 25). A partir do conceito de Bakhtin de “intentional hybrid” na subversão da autoridade (Bakhtin 1981), Bhabha aplica-o à situação dialógica do colonialismo para designar o processo pelo qual alguns elementos da “cultura dominante” são apropriados pela cultura colonizada e re-articulados de forma subversiva. A “zona de contacto” de Pratt também é construída em torno desta noção de hibridação e aplicada ao contexto colonial: a partir do conceito de “contacto” da linguística «(...) where [it] refers to improvised languages that develop among speakers of different native languages who need to

Considerando também a validade da transposição desta subdivisão de modelos-tipo para as histórias contadas pelos turistas internacionais em Kolkata, devo salientar, todavia, que esta se dilui no que já designei, de forma mas alargada, como estilo “reportagem”. Os modelos definidos por Pratt são ambos correntemente utilizados pelos meios de comunicação massificada nos formatos narrativos de informação e, designadamente, por repórteres e jornalistas na construção da narrativa de reportagem. Também no que se refere à distinção estabelecida ao nível do envolvimento dos narradores, da análise global das narrativas obtidas pelos turistas que contactei, mesmo quando em presença de um esforço consciente de individualização das pessoas visitadas e da preocupação em conhecer os seus pontos de vista, a grande maioria dos viajantes, à semelhança de qualquer escritor (como defende Menezes de Souza) detém uma agenda ideológica/política que modela os significados encontrados, e que age, desse modo, não apenas como força de restrição ao envolvimento possível na zona de contacto, mas também à sua expressão. Para Menezes de Souza, o texto (enquanto produto de um processo de organização discursiva) funciona como repressor e ocultador de contradições e ao fazê-lo tende à sua resolução, à sua eliminação (Menezes de Souza 2004: 106). Por outro lado, como ilustrado por alguns enunciados apresentados (sendo exemplar o último excerto da narrativa de Peter Holt sobre o “Black Hole”), a opção de expressar envolvimento parece constituir-se apenas como outra técnica narrativa de reforço da “veracidade” na reafirmação de julgamentos já pré-determinados sobre as identidades dos anfitriões e de si próprios.

Como procurarei evidenciar com amplos exemplos ao longo deste estudo, afinal, a narrativa de viagem é, de entre as várias narrativas possíveis, a que, por excelência, se encontra ao serviço da afirmação de identidades.

communicate consistently, usually in context of trade» (Pratt 1992: 6), desenvolve a ideia de “zona de contacto” para invocar «a spatial and temporal co presence of subjects previously separated by geographic and historical disjunctures, and whose trajectories now intersect» (*ibid.*: 7). Como referi no capítulo 2, a inscrição do turismo internacional como uma forma de neocolonialismo ou de “imperialist nostalgia” permite que muitos autores transponham estes conceitos também para este contexto na contemporaneidade. Particularmente no que diz respeito ao encontro do turismo internacional ocidental na Índia e designadamente em Kolkata, a condição de reprodução da relação assimétrica de poder, assente nas mesmas preposições do par dual definido durante a expansão do colonialismo europeu, encontra-se favorecida: ocidental privilegiado que explora (observa, procura, ocupa, compra, extrai) *versus* oriental que é explorado (observado, recebe, serve, vende, cede). Contudo, embora considere a aplicação do conceito de “zona de contacto” de Pratt absolutamente adequado ao contexto do encontro do turismo internacional em Kolkata, apresento algumas reservas relativamente ao potencial de “hibridação” dos sujeitos envolvidos neste encontro. Sobre elas, darei conta ao longo do corpo de texto, neste e em próximos capítulos.

5.3 Conclusão

Como procurei demonstrar, as representações discursivas apresentadas na contemporaneidade sobre estes lugares e outros distantes (ou não tão distantes, como os *Outros* vizinhos de Naipaul) não são a expressão da estranheza provocada por um primeiro contacto, mas antes, o resultado do convívio de séculos com limitadas construções discursivas. Nas palavras de Edward Said:

So saturated with meanings, so overdetermined by history, religion, and politics are labels like “Arab” or “muslim” as subdivisions of “The Orient” that no one today can use them without some attention to the formidable polemical mediations that screen the objects, if they exist at all, that the labels designate (Said 1985: 93).

As narrativas de viagem, pelo seu potencial, simultaneamente de precedência e cumulativo, são um dos géneros narrativos que melhor o ilustra. Para o turista, não se trata apenas de contar a história, a história de viagem deve ser contada do modo a que se habituou a ler e a ouvir. Deve ser apresentada com abundância de quadros vívidos e de estímulos capazes de envolver o interlocutor, deve sugerir estranheza e distância, reforçando a separação do capital de aventura do viajante face ao dos seus ouvintes/leitores, deve fazer recurso de descrições pontuadas por termos ou expressões locais que reforçam o papel de conhecedor e a “autenticidade” do testemunho directo do objecto reportado. Para os menos fleumáticos, sempre que possível, deve ainda fazer uso da ironia revelando o humor e o comprometimento característico do mediador cultural e do contador de histórias:

After nearly one year in South India, Calcutta is a new level of sub-continental insanity - like Dickens’ London with palm trees. A different kind of heat - Indian languages should have as many words for heat as Inuit does for “snow” - this variety, sticky and humid without the direct sun (turista norte-americana, um mês de estadia em Kolkata^{T12}).

Notavelmente, também este tom marca os discursos de muitos dos agentes de viagem e guias turísticos nestes lugares:

BCK: Kolkata? The best of this city is the people. Except for the working attitude! Canada is a great place. USA is different. Americans are very

different from the Europeans. Americans are like machines: a lot of technology; produce a lot of wealthy, but they function like machines! (...) Europeans are very conservative. I have never been in Portugal or Spain or France...¹⁵⁴

O papel das viagens e das suas narrativas - particularmente para lugares distantes - é de tal forma importante em áreas diversas que governos, instituições nacionais e internacionais, organizações de todo o tipo e empresas, desde há muito, despendem somas avultadas no seu patrocínio e no seu controlo. Como sublinhou Percy Adams (1983), no séc. XVIII, o Almirantado Britânico terá até procedido à confiscação de todos os relatos e diários de viagens enquadrados por viagens financiadas pelo governo e tomado a seu cargo a sua edição cuidadosa em versão oficial (Adams 1983: 42).

Por serem as viagens motivadas por razões diferentes – comerciais, políticas, religiosas, geográficas, científicas, económicas, de lazer, organizacionais ou pessoais –, a um primeiro olhar, as suas narrativas poderiam apresentar-se como híbridas ou fragmentadas por diferentes universos. E pelo seu carácter de intertextualidade, vários autores argumentam a dificuldade de classificar o género (ver Dann 1999):

Fussell continues by indicating what literary genres the travel book does resemble and imitate. It is a subspecies of memoir, he says, an autobiographical narrative based on the speaker's encounter with distant or unfamiliar data. (...) There are similarities, too, between the travel book and the comic novel with its use of anomaly (eg., Evelyn Waugh and Graham Greene), as also between the travel book and both the picaresque and pastoral romance (romances taking place, as they do, in exotic places, now declared real by recourse to the social sciences) (Dann 1999: 163).

Mas, efectivamente, como procurei evidenciar e também defendido por este autor: «However, perhaps the closest type of romance to the travel book is the quest romance (...). Here the myth has been displaced by the traveler as a puny alien crawling over a territory with no roots, then returning to discover his/her true self» (*ibid.*: 163). Ou seja, no essencial, o que dá forma à narrativa de viagem é sempre o encontro com o *Outro* e a reafirmação/recriação da identidade do sujeito que narra.

Este encontro, não obstante a identificada marca de duplicação e afirmação narrativa, apresenta-se, ao mesmo tempo, como impulsor de construção e recriação identitária,

¹⁵⁴ Conversa com [BCK], reformado da administração da Indian Airlines e proprietário de uma agência de viagens na zona sul de Kolkata. Kolkata, 1-03-2006.

quer de visitantes quer de visitados, e que é revelado pelas inconsistências e ambiguidades manifestadas pelos sujeitos à medida que constroem a contingente e assimétrica relação experienciada com os outros.

Os significados subjacentes a estes processos, suas expressões e implicações, bem como as contradições que se observam entre os enunciados verbais, as narrativas pictóricas e as práticas dos sujeitos no encontro do turismo internacional em Kolkata constituirão o objecto de análise dos capítulos que se seguem.